

UMA SEXAGENÁRIA ILUSTRE: FEA/USP, 1946-2006

José Flávio Motta*

Resumo – Neste artigo elabora-se uma breve história da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA/USP). Em uma primeira seção, o autor serve-se de um conjunto de informações, o mais das vezes quantitativas, as quais permitem ao leitor aquilatar, ao menos em uma primeira aproximação, a importância da FEA, bem como o comportamento, no decurso das seis décadas de existência da Instituição, de alguns de seus componentes fundamentais. O texto se refere, em especial, mas não apenas, aos contingentes formados por seus alunos, professores e funcionários. Na segunda e última seção do artigo, discute-se, ainda que de maneira sucinta, os condicionamentos, oriundos da realidade socioeconômica brasileira, que ajudaram a definir a trajetória seguida pela FEA. E, nessa mesma seção, o autor discute igualmente, valendo-se do caso específico de um ex-aluno notório, Antonio Delfim Netto, o impacto da presença da FEA como fator condicionante do próprio envolver da economia e da sociedade brasileiras.

Palavras-chave – Faculdade de Economia e Administração. Universidade de São Paulo. Ensino superior no Brasil. História da Educação. Ensino de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária.

Abstract – This article presents a brief history of the Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA/USP). In the first part I use mainly quantitative information so that the reader can form a basic idea of the importance of FEA and of the behavior, during the six decades since its creation, of some of its fundamental components: students, teachers and staff. In the second and last part of the article, I discuss the conditioning factors from our socioeconomic reality that contributed to determine the trajectory of that school. I also discuss the effects of the existence of FEA as a conditioning factor of Brazilian' economic and social trajectory. This last discussion is made through the study of the case of a specific and outstanding ex-student of FEA, Antonio Delfim Netto.

Key words – Faculdade de Economia e Administração. Universidade de São Paulo. Higher education in Brazil. Education history. Teaching of economics, Business Administration, Accountability and Actuary.

JEL Classification – A11, Role of Economics. Role of economists. Market for economists. A23, Graduate. I23, Higher Education research institutions. N36, Economic history: Labor and consumers, Demography, Education, health, income and wealth: Latin America; Caribbean.

* Professor do Departamento de Economia da FEA/USP, dos Programas de Pós-Graduação em Economia do IPE-FEA/USP e do Programa de Pós-Graduação em História Econômica da FFLCH/USP; membro do N.E.H.D.-Núcleo de Estudos em História Demográfica da FEA/USP. E-mail: jflaviom@usp.br.

ANÁLISE	Porto Alegre	v. 17	n. 2	p. 313-328	jul./dez. 2006
----------------	--------------	-------	------	------------	----------------

1 Introdução

Em interessante ensaio sobre as condições sociais, econômicas e políticas da fundação da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas (FCEA)¹ da Universidade de São Paulo (USP), Alice Piffer Canabrava observou:

Não se pode esquecer que o ensino da Economia Política inaugurou-se no Brasil com o decreto de 23.02.1808, do Príncipe Regente, o futuro D. João VI, ao estabelecer, na cidade do Rio de Janeiro, a primeira Cadeira e Aula Pública dedicada ao assunto, no mesmo ano em que se abriam as portas ao comércio internacional.²

Pouco menos de catorze décadas, portanto, separaram a assinatura do decreto aludido da criação da FCEA, em 1946. Foram, evidente, muitas e profundas as modificações sofridas pela economia e sociedade brasileiras nesse quase século e meio entre a transferência das Cortes portuguesas para o Brasil e o início do governo Dutra. Da mesma forma, foram muitas as características a persistirem, profundamente enraizadas em nossa tessitura socioeconômica, as quais, não obstante as transformações havidas, nelas imprimiram amiúde um traço conservador. Não me dedicarei aqui à análise das aludidas modificações. Tampouco farei delas qualquer descrição, mesmo sumária. Todavia, o desenvolvimento vivenciado por nosso país, em especial a partir da década de 1930, marcado pela intensificação do processo de industrialização, evidenciou de maneira crescente o conjunto de necessidades que a criação da FCEA ajudaria a suprir. E a FCEA surgiria na esteira da fixação, em 1945, do padrão oficial que organizou os cursos de Economia e Administração e de Ciências Contábeis e Atuariais. Sobre esse padrão a Prof^a Canabrava escreveu:

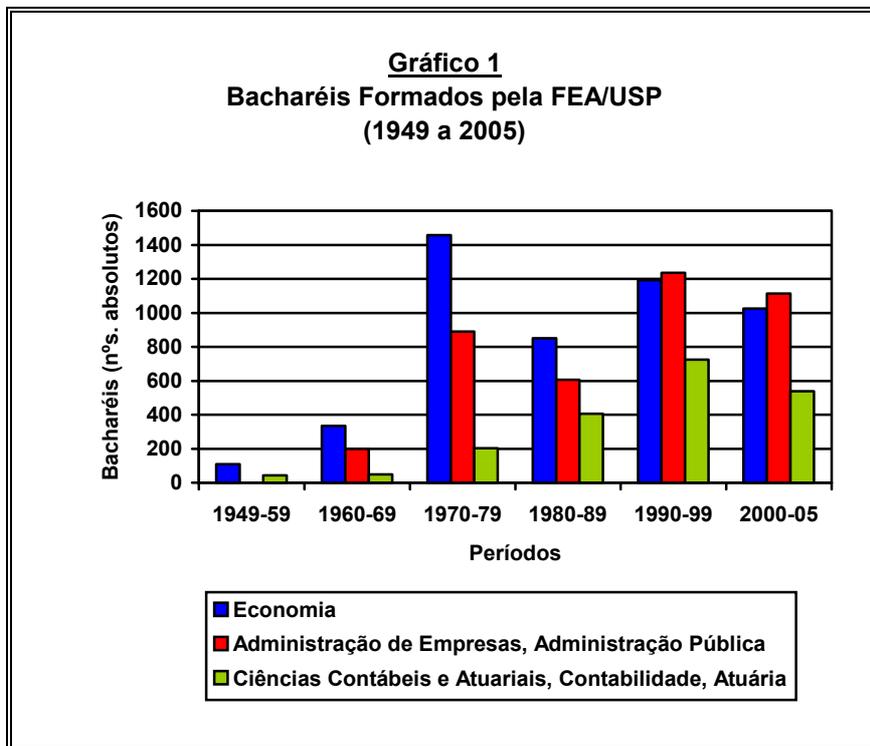
Nova filosofia está implícita no texto. Já presente nos princípios que orientaram a fundação da Universidade de São Paulo, pela primeira vez expressava-se, especialmente, na concepção que deverá orientar o ensino da Economia e Admi-

¹ Esta foi a primeira denominação da atual Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA/USP).

² Canabrava, 1984, p. 23. O ensaio citado abre a primeira parte (A Perspectiva Histórica) da obra em dois volumes dedicada à história da FEA/USP, edição comemorativa do 35º aniversário daquela Faculdade (1946-1981) e do Cinquentenário da USP (1934-1984). Em Aguiar (1960, p. 173) lemos a íntegra do decreto de 1808: "Sendo absolutamente necessário o estudo da Ciência Econômica na presente conjuntura em que o Brasil oferece a melhor ocasião de se por em prática muitos dos seus princípios, para que os meus vassallos sendo melhor instruídos neles, me possam servir com mais vantagem: e por me constar que José da Silva Lisboa, Deputado e Secretário da Mesa de Inspeção da Agricultura e Comércio da Cidade da Bahia, tem dado todas as provas de ser muito hábil para o ensino daquela ciência sem a qual se caminha às cegas e com passos muitos lentos, e às vezes contrários nas matérias do Governo, lhe faço mercê da propriedade e regência de uma Cadeira e Aula Pública, que por este mesmo Decreto sou servido criar no Rio de Janeiro, com o ordenado de 400\$000 para ir exercitar, conservando os ordenados dos dois lugares que até agora tem ocupado na Bahia. As Juntas da Fazenda de uma e outra Capitania o tenham assim entendido e façam executar. Bahia 23 de Fevereiro de 1808. Com a rubrica do Príncipe Regente Nosso Senhor".

nistração, na qual a teoria e a pesquisa são entendidas em nova dimensão, como propulsoras do desenvolvimento econômico. Não está comprometida com esta ou aquela carreira, mas com a economia brasileira no sentido global.³

Quero crer que este comprometimento foi mantido, regra geral, ao longo dos 60 anos de existência da FEA, uma “vida” profícua da qual alguns elementos compõem o objeto do restante deste texto. Antes, porém, cabe explicitar, ainda nesta introdução, uma advertência ao leitor: não me anima em nenhum momento a meta de meramente redigir algumas páginas laudatórias com respeito à FEA. Contudo, não nego o forte sentimento de carinho que nutro pela Instituição; em verdade, declaro esse carinho com orgulho, sentimento construído a partir de 1979, ano em que nela ingressei como aluno de graduação.⁴



³ Canabrava, 1984, p. 32.

⁴ A essa trajetória pessoal, vinculada ao Departamento de Economia, muito mais, decerto, do que a quaisquer distinções reais, deve-se um tratamento porventura desigual dado, no correr do texto, aos demais departamentos constitutivos da FEA.

2 FEA/USP: 1946-2006

2.1 Sobre o corpo discente

O Gráfico 1 traz as quantidades de alunos de graduação formados de 1949 a 2005, de acordo com os distintos cursos oferecidos. Foram dez os primeiros bacharéis formados pela FCEA, em 1949, cinco deles no curso de Economia e cinco no curso de Ciências Contábeis e Atuariais.⁵ Em 2005, foram 454 os alunos formados: 31,3% deles em Economia, 47,4% em Administração e 21,4% em Contabilidade. Considerado o período como um todo, somaram cerca de onze mil os bacharéis formados pela FEA. É digno de nota o crescimento havido no número de egressos da Instituição. Ademais, observou-se, como uma tendência mais recente, a formação de maior número de administradores; os economistas, até então, predominavam no conjunto dos formandos. No que respeita a Contabilidade e Atuária, escreveram Bonini e Martins em inícios dos anos de 1980:

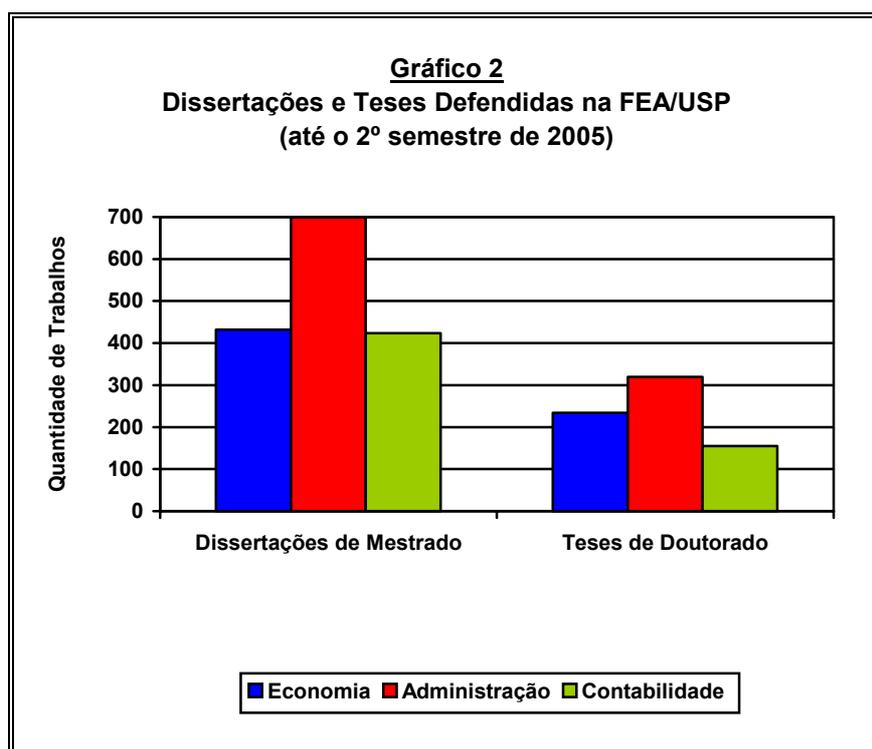
Durante alguns anos os alunos faziam a opção pelo curso que pretendiam seguir após terem concluído o primeiro ano; e os que, nessas condições, optavam pelo curso de Ciências Contábeis e Atuariais, eram sempre em número reduzido. Só recentemente, quando foi exigida a opção ao ensejo da inscrição no vestibular, essa situação, em termos de quantidade, se atenuou um pouco e o número de alunos se tornou mais expressivo.⁶

Em 1966, vinte anos após a criação da FCEA, iniciou-se o Programa de Pós-Graduação em Economia, sob a responsabilidade do Instituto de Pesquisas Econômicas (IPE/USP), este último fundado em 1964. Em 1970 foi implantado o curso de Pós-Graduação no Departamento de Contabilidade e

⁵ Como observaram Toledo e Trevisan (1984, p. 71), “embora com a denominação de Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas e os objetivos explicitados no item 1 do artigo 2º do Decreto-Lei 15.601 de 1946, não foram instalados nesta ocasião na Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da USP cursos de administração em nível superior”. O decreto referido é o de criação da FCEA e seu artigo 2º explicitou as finalidades da Instituição; em seu item 1, lemos: “O ensino em grau superior, de Economia e Administração” (Toledo e Trevisan, 1984, p. 70). Os primeiros bacharéis dos cursos de Administração de Empresas e de Administração Pública formaram-se em 1964. Salvo menção em contrário, os informes sobre os corpos discente, docente e administrativo, referentes ao período 1946/81, foram extraídos da *Personália* que compõe o segundo volume da História da FEA/USP coordenada pela Profa. Canabrava (1984b). Para os anos posteriores a 1981, as informações originaram-se nos distintos Departamentos da FEA; em especial, para os dados mais recentes, vali-me de Fleury (2006).

⁶ (Bonini e Martins, 1984, p. 62). O curso de Ciências Contábeis e Atuariais foi desdobrado em dois em 1964: “foram criados, então, o curso de Ciências Contábeis, para formar contadores, e o curso de Ciências Atuariais, para formar atuários, tendo os dois cursos, nos três primeiros anos, disciplinas comuns, e diferenciando-se totalmente no 4º ano. Mas, com isso, o curso de atuária desapareceu” (Bonini e Martins, 1984, p. 62). Cabe salientar que o curso de Atuária, desativado na primeira metade da década de 1990, foi retomado em 2006, com uma nova proposta curricular. Os ritmos diferenciados observados no crescimento do número de bacharéis formados, ao longo do tempo e de acordo com o curso, são comentados na última seção deste artigo.

Atuária. Também em começos da década de 1970 passaram a ser oferecidas as disciplinas integrantes do Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas. O Gráfico 2 fornece, em números absolutos, as Dissertações de Mestrado e as Teses de Doutorado defendidas pelos alunos desses Programas até o 2º semestre de 2005.



Nesses cerca de 40 anos de funcionamento dos cursos de Pós-Graduação da FEA foram defendidas, pois, mais de 1.500 Dissertações de Mestrado e mais de 700 Teses de Doutorado. Em 31 de dezembro de 2005, eram 364 os alunos matriculados, sendo 179 mestrandos e 185 doutorandos. Desse total de 364 pós-graduandos, a maioria absoluta (60,2%) fazia sua pós-graduação em Administração, outros 19,8% eram alunos do IPE e porcentual semelhante (20,0%) cabia aos que cursavam seus créditos no programa vinculado ao Departamento de Contabilidade.

Esses números concernentes aos alunos da FEA, de graduação e de pós-graduação, são decerto impressionantes. Mas não é menos certo que os comentários sobre o corpo discente da Instituição não devem se limitar a essa abordagem quantitativa. No caso da pós-graduação, um indicador

interessante a ser mencionado, ainda que de forma alguma livre de imperfeições, é a nota atribuída como resultado da avaliação realizada pela CAPES-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, do Ministério da Educação. Numa escala que vai de 1 a 7, foram ótimas as avaliações obtidas no último triênio disponível (2001-2003): 6 para os Programas de Economia e Administração e 5 para o Programa de Controladoria e Contabilidade.⁷

Ademais, considerados os cursos de graduação e pós-graduação, foi e é notória a contribuição da FEA em termos do fornecimento de quadros responsáveis por atuações de marcada relevância, quer no âmbito público quer no privado. Embora seja muitas vezes objeto de discussão se o contributo dado por ex-alunos da FEA foi positivo ou negativo,⁸ é inegável que foram e têm sido inúmeros os egressos da Instituição que “fizeram e/ou fazem diferença”, com maior ou menor intensidade, em termos do evoluir de nossas economia e sociedade. De fato, ex-alunos da FEA ocuparam Ministérios de Estado, estiveram à frente de Universidades e Faculdades diversas, foram Secretários de Governo e prestaram assessoria em todos os escalões da Administração Pública, presidiram ou ocuparam cargos diversos na hierarquia de empresas estatais e privadas etc.

2.2 Sobre o corpo docente

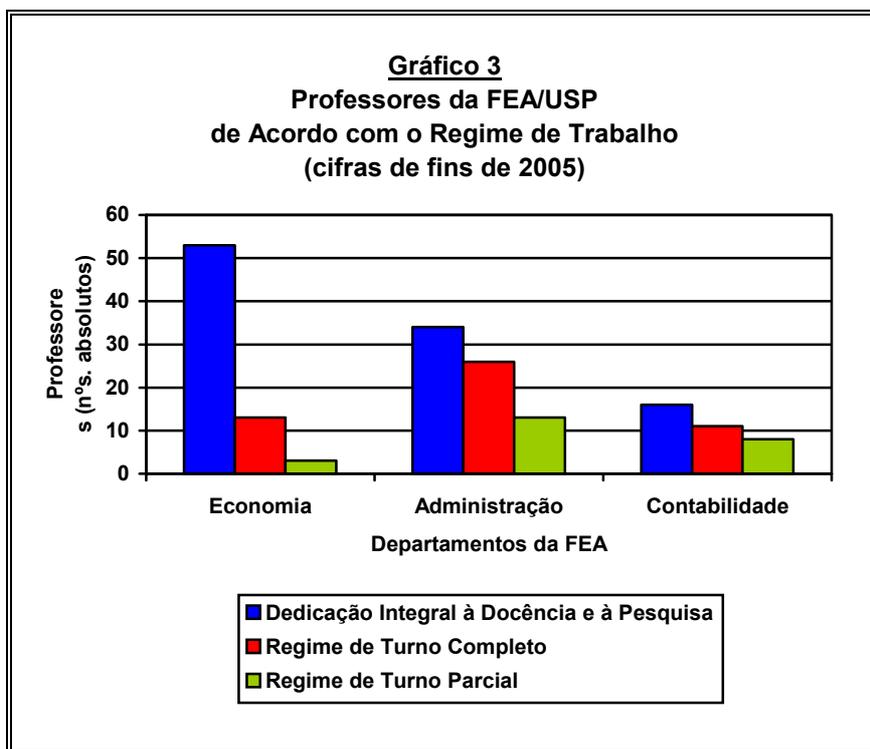
O primeiro corpo docente da FCEA (1946/49) contava 72 integrantes. Eram 22 os professores responsáveis pelas 22 Cadeiras existentes, pelas quais se distribuíam os demais membros, cujas categorias funcionais eram de Assistentes e Auxiliares de Ensino. Talvez a característica mais marcante dos mestres dos primeiros tempos da FCEA fosse a seguinte, mencionada por Roberto Macedo no necrológio que escreveu quando do falecimento, aos 7 de março de 2006, de um daqueles catedráticos, o Prof. Luiz de Freitas Bueno:

A FCEA começou diminuta, com [...] professores vindos predominantemente da área de Direito, juntamente com vários formados pela então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, nas suas várias especializações. Alguns tinham vivência de assuntos econômicos e administrativos, mas sem condições de bem

⁷ O *site* da CAPES (www.capes.gov.br) informa o significado das notas atribuídas: **6 e 7** – exclusivas para programas que ofereçam doutorado com nível de excelência, desempenho equivalente ao dos mais importantes centros internacionais de ensino e pesquisa, alto nível de inserção internacional, grande capacidade de nucleação de novos grupos de pesquisa e ensino e cujo corpo docente desempenhe papel de liderança e representatividade na respectiva comunidade; **5** – alto nível de desempenho, sendo esse o maior conceito admitido para programas que ofereçam apenas mestrado.

⁸ Essa questão será por mim retomada mais adiante no texto.

definir e ensinar um currículo adequado à nova escola, muito menos de dar rumo e sustentação a pesquisas inovadoras nos seus objetivos e métodos.⁹



Dita característica, uma limitação inevitável à época, pôde ser superada com o passar dos anos. Nesse movimento, vários dos ex-alunos da Instituição foram paulatinamente incorporados ao corpo docente. Muitos dentre os ex-alunos que se tornaram professores aprofundaram sua formação, em nível de pós-graduação, no exterior.¹⁰ Ao término de 2005, a FEA possuía 177

⁹ Macedo (2006). O autor do necrológico, Roberto Brás Matos Macedo, diga-se de passagem, concluiu seu curso de Economia na FEA/USP em 1967, foi aluno de pós-graduação no IPE, depois em Harvard, e lecionou no Departamento de Economia da mesma FEA a partir de fins da década de 1960, tendo se aposentado há alguns anos, depois de ocupar os cargos de Chefe do Departamento de Economia e de Diretor da Faculdade. Em outro necrológico em homenagem ao Prof. Bueno, escrito pelo Deputado Antonio Delfim Netto, o autor observa que, à exceção dos catedráticos Paul Hugon e Wilfred Leslie Stevens, “como todos os nomeados no momento da instalação da escola, ele [o Prof. Bueno] era um autodidata com alguma proficiência na estatística elementar” (Delfim Netto, 2006). Volto a mencionar o deputado, também ex-aluno e ex-professor da FEA/USP, mais adiante no texto.

¹⁰ Por exemplo, sobre o Departamento de Economia, na obra comemorativa do 35º aniversário da FEA, Diva Pinho escreveu: “de 1946 a 1981 podemos distinguir no corpo docente da FEA três grupos de professores: o primeiro, constituído pelos ‘Pioneiros’, foi recrutado logo em

docentes. Os Departamentos de Economia (EAE) e Administração (EAD) contavam número similar de professores (respectivamente, 69 e 73), contudo destoavam significativamente no que respeita à distribuição pelos distintos regimes de trabalho. Mais de três quartos (76,8%) dos docentes do EAE cumpriam o regime de dedicação integral à docência e à pesquisa, proporção que não atingia a metade (46,6%) no EAD. No Departamento de Contabilidade (EAC), trabalhavam em RDIDP 45,7% do conjunto de 35 professores.

É interessante observar, também, o crescimento da participação feminina entre os docentes da Instituição. Tomados os 22 catedráticos dos primeiros anos da FCEA, é digna de nota a presença de tão-somente uma mulher, a Prof^a Alice Piffer Canabrava (Cadeira X – História Econômica). Oriunda da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, lá obteve sua Licenciatura em Geografia e História, em 1937, tendo em seguida integrado o grupo de professores daquela faculdade.¹¹ Em 2005, eram 25 as professoras da FEA, isto é, 14,1% do total do corpo docente; inquestionavelmente, um porcentual ainda bastante reduzido. Uma delas, a Profa. Maria Tereza Leme Fleury, tornou-se a segunda mulher a dirigir a FEA, no quadriênio 2002-2006; a primeira havia sido Alice Canabrava, de 1954 a 1957.

Há que retomar, por fim, a menção ao contributo da Instituição enquanto fornecedora de quadros, agora originados no seu contingente de professores. Em verdade, a atuação como docentes da FEA de muitos de seus ex-alunos dos cursos de graduação e pós-graduação, evidenciou uma trajetória na qual a formação obtida naqueles cursos aliou-se à experiência e conhecimentos angariados no magistério e na pesquisa, ampliando as potencialidades para a concretização da mencionada contribuição.¹²

2.3 Sobre o corpo administrativo

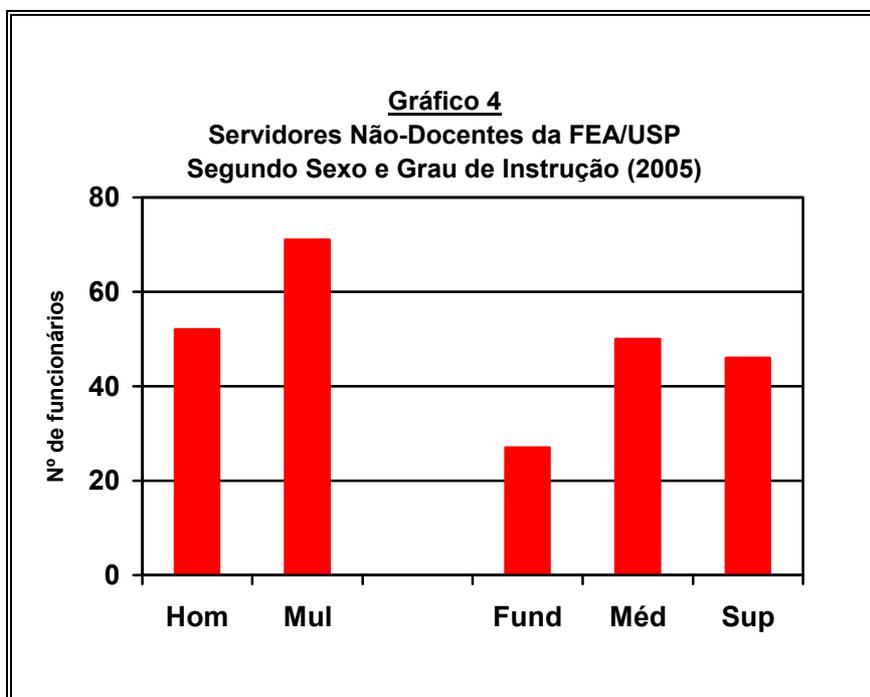
Para além de seus alunos e professores, o funcionamento da FEA, nesses 60 anos, muito deveu também ao conjunto de seus funcionários administrativos. Cerca de quatro dezenas desses funcionários tiveram suas contrata-

seguida à criação da Escola; o segundo [...] contava com significativo número de ex-alunos da FEA, que passaram a colaborar intensamente com os Pioneiros na consolidação da Escola; e o terceiro, a partir da Reforma da USP, no fim de 1969, [composto por], sobretudo, crescente número de ex-alunos, dentre os quais vários com pós-graduação no exterior, principalmente nos E.U” (Pinho, 1984, p. 39). Sobre a reforma estatutária da USP, de 1969, ver, por exemplo, Saes (1984) e Alves (1984).

¹¹ Atual FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Para uma breve biografia intelectual da Profa. Canabrava, ver a Introdução, elaborada por Flávio Azevedo Marques de Saes, à coletânea (Canabrava, 2005), organizada após o falecimento da biografada, ocorrido em 2003.

¹² Desnecessário dizer ser esse um caminho de mão dupla. Dessa forma, foram decerto igualmente frequentes os casos em que a experiência de ex-alunos da FEA, obtida mediante sua atuação em empresas, no governo e em quaisquer outras instituições, de natureza pública ou privada, em muito enriqueceu seu desempenho como professores, ampliando sua capacitação como formadores de discípulos.

ções publicadas no Diário Oficial do Estado no ano de 1946. Havia os chefes dos serviços administrativos, entre outros o Secretário, a responsável pela Biblioteca, o Tesoureiro, a chefe do Expediente. Para secundar as chefias, foram contratados técnicos especializados, bibliotecários auxiliares, datilógrafos, auxiliares de administração, serviçais, serventes, porteiro, mensageiro, estafeta etc. Em 2005, eram 123 os servidores não-docentes, a maioria (57,7%) formada por mulheres. Parcela expressiva deles (37,4%) detinha grau de instrução superior, sendo 28,5% a participação daqueles com grau superior completo (Gráfico 4).



Hom = Homens; Mul = Mulheres;

Fund = Ensino Fundamental; Méd = Ensino Médio; Sup = Ensino Superior

3 Outros elementos a salientar

A história da FEA foi construída, pois, pelas pessoas que integraram os três contingentes aos quais me referi até aqui: os alunos, os professores e os funcionários. Como fecho para esta breve caracterização da Instituição, faço referência, tão-somente, a três tópicos adicionais. Não pretendo, pois, ser exaustivo; assim, muitos outros elementos poderiam ser mencionados. Não obstante, creio que os três tópicos selecionados complementam bem a referida caracterização. Limito-me, além disso, aos dados dos últimos anos.

Primeiramente, a biblioteca. Entre bibliotecários, técnicos e auxiliares, 11 pessoas compunham seu quadro de funcionários em 2005. O acervo alçava-se a praticamente cem mil livros, aos quais se adicionavam mais de 34 mil periódicos, pouco menos de 6 mil teses e dissertações, além de quase 800 itens arrolados como “multimeios”. No ano em tela, usufruíram desse magnífico acervo 13.360 usuários inscritos; a frequência de usuários igualou-se a 226.429, enquanto a circulação do acervo alcançou a cifra de 776.655.

Um segundo tópico a referir tem sido objeto de muita polêmica, dentro e fora da USP. Trata-se das Fundações de Apoio. No caso específico da FEA, são elas a FIPE, a FIA e a FIPECAFI.¹³ São muito discutidos, por exemplo, os eventuais vieses que a presença dessas Fundações poderia introduzir na prática “normal” das atividades acadêmicas, sendo identificada essa prática “normal” àquela vigente na ausência das Fundações. Não é o caso de trazer essa discussão para este texto.¹⁴ Mas, a meu ver, o impacto dessas instituições de apoio foi positivo para os distintos Departamentos da escola, até mesmo no que respeita a facetas as mais triviais do cotidiano de seus alunos, funcionários e professores. Em suma, a sexagenária ilustre sobre a qual escrevo chegou aonde chegou também por intermédio das relações estabelecidas com aquelas instituições de apoio.

Em terceiro, voltando a atenção para o universo dos alunos, faço menção à crescente importância numérica dos intercambistas e, por essa via, à ação da Comissão de Cooperação Internacional (CCInt/USP e CCInt/FEA). Em 2005, eram cerca de 80 as universidades estrangeiras conveniadas com a FEA, situadas em mais de 20 países em distintos continentes. Tem sido inegável o interesse de inúmeros alunos da FEA em vivenciar essa experiência no exterior, e também inegável tem sido a adesão de estudantes estrangeiros interessados em vivenciar esse intercâmbio na FEA. No aludido ano de 2005, por exemplo, formalizaram-se 22 novos convênios. Tomado o quadriênio de 2002 a 2005, somaram 345 os intercambistas da FEA para o exterior, e 264 os do exterior para a FEA.

4 A economia brasileira e a FEA/USP

Na Introdução deste artigo observei como a criação da FCEA, em 1946, atendia, e não poderia ser de outra maneira, a demandas surgidas a partir das condições que, à época, caracterizavam a economia e a sociedade brasileiras. E a FEA, nesses seus 60 anos de existência, tem continuamente respondido, com maior ou menor sucesso, aos desafios a ela colocados por uma

¹³ Respectivamente, Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, Fundação Instituto de Administração e Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis, Atuariais e Financeiras.

¹⁴ O leitor poderá objetar que estou, no mínimo, sumariando a questão de forma muito simplista. No entanto, creio que esse sumário é suficiente à vista dos objetivos deste artigo, o qual, de resto, procura obedecer a certos parâmetros editoriais estabelecidos quanto à sua dimensão.

realidade em constante transformação.¹⁵ Em verdade, os elementos descritivos expostos na seção anterior traduzem esse esforço permanente de adequação da FEA à realidade inclusiva. A começar pelo próprio crescimento na quantidade de bacharéis formados, evidenciado em termos absolutos no Gráfico 1, e agora em números médios anuais, no Gráfico 5.

Assim, o número médio anual de bacharéis formados nos anos de 1960 foi superior ao quádruplo do verificado de 1949 a 1959. E essa média, novamente, mais que quadruplicou na década de 1970. Esse ritmo, vale ressaltar, foi compartilhado pelos cursos de Economia, Administração e Contabilidade. Referindo-se ao caso do Departamento de Economia, escreveu Diva Pinho:

A excepcional projeção de docentes de Economia da FEA, a partir dos anos 60, coincide com a “euforia” nacional desenvolvimentista, que confiava no planejamento como solução aos problemas de nosso país e ofereceu condições para a ascensão do economista como planejador e assessor governamental. Aliás, o planejamento econômico, como atividade ligada à rotina da administração pública brasileira, começara a reclamar a presença do economista por volta de 1955 [...]. Mas foi sobretudo depois de 1964, com a formação do pacto militar-burocrático, que se abriu para nosso economista uma posição fundamental na vida político-administrativa do país.¹⁶

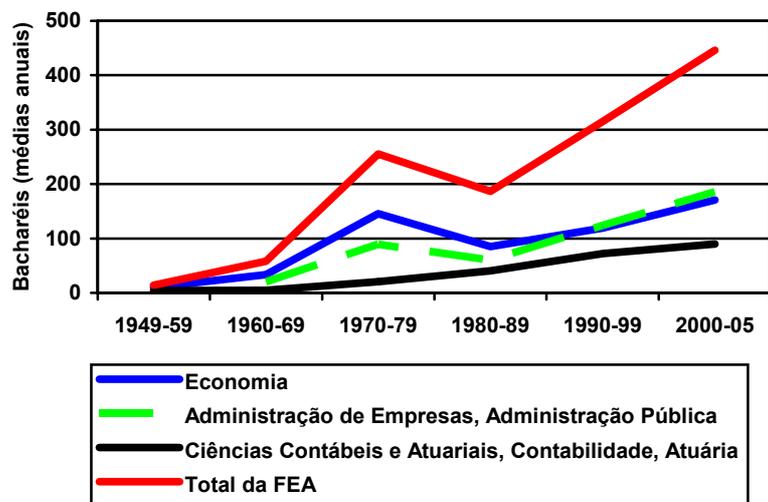
Os anos de 1980, para muitos uma “década perdida”, cobraram seu tributo também em termos da quantidade de bacharéis formados pela FEA. E, com a Nova República, talvez pela proliferação de planos econômicos, proliferação esta em boa medida indicativa das vicissitudes defrontadas, aponta-se para uma inflexão, sedimentada no decênio de 1990 e mantida no novo milênio: a perda relativa do “*glamour* do economista” e a concomitante supremacia numérica dos bacharéis em Administração. A par disso, houve evidente retomada, nos três últimos lustros, do crescimento da quantidade de bacharéis egressos da Instituição, todavia num ritmo bem menos intenso *vis-à-vis* o observado anteriormente. Para este último resultado, decerto, contribuiu a ampliação do número de vagas oferecidas, para os mesmos cursos existentes na FEA, em outras instituições de ensino superior, públicas ou privadas.¹⁷ E a própria FEA desempenhou papel relevante nessa ampliação, pois muitos de seus ex-alunos tornaram-se professores em outras faculdades e universidades onde se ofereciam cursos de Administração, Contabilidade e Economia.

¹⁵ Transformação constante, porém incapaz de apagar, de maneira completa, aquele traço conservador igualmente mencionado na Introdução.

¹⁶ Pinho, 1984, p. 51.

¹⁷ A “concorrência”, particularmente no caso do Curso de Graduação em Economia, tem propiciado novo alento à discussão, sempre presente, acerca do perfil do economista que a FEA deveria ou desejaria formar. Essa discussão, entre outros tópicos, abrange a questão da relevância que deve ter um eventual direcionamento do curso no sentido de se conformar às demandas ditas “do mercado”. Essa questão possibilita, ademais, a meu ver sem muita dificuldade, travar a discussão em tela nos termos do conhecido binômio economia positiva / economia normativa.

Gráfico 5
Bacharéis Formados pela FEA/USP
(1949 a 2005, médias anuais)



Essa maior “concorrência” fez-se sentir, talvez até com intensidade mais pronunciada, nos cursos de pós-graduação. Valho-me aqui, uma vez mais, do exemplo do Departamento de Economia. Não há dúvida de que, atualmente, o aluno disposto a prestar os exames nacionais realizados pela ANPEC-Associação Nacional dos Centros de Pós-Graduação em Economia, tem um leque de opções bastante diversificado, mesmo se seus níveis de exigência quanto à qualidade do Programa a cursar forem bastante elevados.¹⁸ A presença de alternativas de qualidade acarretou, por um lado, uma preocupação crescente, na FEA/USP, com a adequação do Programa de Pós-Graduação do IPE ao figurino estabelecido pela CAPES, com vistas à obtenção das melhores notas atribuídas como resultado das avaliações conduzidas por essa Coordenação.¹⁹ Por outro lado, ensejou a criação de uma área de

¹⁸ A ANPEC reúne atualmente 18 centros de excelência acadêmica de diversos Estados do Brasil.

¹⁹ Creio ser mesmo possível identificar, com uma frequência superior à desejável, nessa preocupação em princípio salutar, certo exagero, que por vezes chega às raias da obsessão. E isto ocorre não apenas nos cursos de Pós-Graduação em Economia do IPE/USP. Como já

concentração adicional, a de Economia das Instituições e do Desenvolvimento, a qual se aliou à previamente existente, de Teoria Econômica.

Vê-se, portanto, que a história da FEA/USP, construída, como já afirmei, por seus alunos, professores e funcionários, resultou do esforço dessas pessoas para a superação dos desafios a elas continuamente propostos pela economia e pela sociedade brasileiras. Se esta afirmativa soa como óbvia, não foram menos evidentes os vínculos estabelecidos em sentido contrário. Vale dizer, guardadas as devidas proporções, se é certo que o evoluir da economia e da sociedade brasileiras moldou a trajetória da FEA, é igualmente certo que a FEA fez-se presente na conformação daquele evoluir. Tratou-se, em essência, da reafirmação continuada no tempo, e já lá se vão seis décadas, do comprometimento da Instituição “com a economia brasileira no sentido global”,²⁰ explicitado à época da criação da FCEA.

Essa presença da FEA corporificou-se na atuação daquelas mesmas pessoas que construíram sua história. Infelizmente, não há espaço para referi-las todas. Opto, então, pela menção a apenas um caso, dos mais notórios, como ilustrativo: o do atual Deputado Antonio Delfim Netto. No *site* comemorativo dos 60 anos da FEA, há uma página dedicada aos nove professores eméritos da Instituição, entre eles o deputado. Sobre ele lemos:

Gradua-se bacharel em economia com a terceira turma da então Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas (FCEA) em 1951. A partir de 1952, começa a exercer a função de Professor Assistente de Estatística Geral e Estatística Econômica sob orientação do Professor Catedrático Luiz de Freitas Bueno. Em 1959, torna-se Professor Livre-Docente com a tese “O problema do café no Brasil”. E em 1963 recebe o título de Professor Catedrático de Teoria do Desenvolvimento Econômico com o estudo “Alguns problemas do Planejamento para o Desenvolvimento Econômico”. Desse modo, Delfim Netto se converte no primeiro ex-aluno da FEA e o primeiro economista formado depois da regulamentação da profissão a ocupar uma posição de Catedrático nessa faculdade.²¹

Além de suas atividades na FEA, Delfim Netto foi Secretário da Fazenda do Estado de São Paulo (1966/67), Ministro de Estado da Fazenda (1967/74), Embaixador do Brasil na França (1974/77), Ministro de Estado da Agricultura (1979), Ministro de Estado do Planejamento (1979/85) e tem exercido o mandato de Deputado Federal por várias legislaturas (1987/91; 1991/95; 1995/99; 1999/2003; 2003/2007). Sem dúvida, um exemplo forte do impacto da FEA/USP na economia e sociedade brasileiras.²² Força que se evidencia, por exemplo,

observei anteriormente neste artigo, a avaliação da CAPES, um indicador deveras útil, é passível de inúmeros reparos, algo, por sinal, inevitável.

²⁰ Expressão extraída da citação de Alice Canabrava reproduzida na seção introdutória deste artigo.

²¹ Cf. www.fea60anos.com.br. Os demais Professores Eméritos da FEA são: Alice Piffer Canabrava, Atilio AmatuZZi, Juan Herstajn Moldau, Lenita Corrêa Camargo, Luiz de Freitas Bueno, Milton Improta, Ruy Aguiar da Silva Leme e Sérgio de Iudicibus.

²² É claro que a FEA não responde exclusivamente pelos efeitos das ações de seus ex-alunos (o que não deixa de ser ótimo para a Instituição!!). E é claro também que a presença da

nos títulos dados pelo jornal *Valor Econômico* a uma longa entrevista concedida em 2005 por Delfim: “O czar conta o seu lado na história” e “O bruxo do milagre econômico”.²³

Em vista dos meus objetivos neste artigo, é oportuno encerrar esta seção com as citações seguintes, nas quais dois outros ex-alunos e professores da FEA fazem comentários sobre Delfim Netto. O primeiro deles é Paul Israel Singer. Atual titular da Secretaria Nacional de Economia Solidária, do Ministério do Trabalho e Emprego (SENAES/MTE), sua formação na FEA, em Ciências Econômicas, ocorreu no período 1956/59. Tornou-se Professor Assistente na FCEA em 1960. Foi afastado das atividades docentes com a edição do Ato Institucional nº 5, retomando-as nos últimos tempos da ditadura militar (Governo Figueiredo). Figurou entre os fundadores do CEBRAP – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, em 1969, e do Partido dos Trabalhadores, em 1980. Ministrou aulas também na Universidade Estadual Paulista (UNESP) e exerceu o cargo de Secretário de Planejamento da Prefeitura de São Paulo na gestão de Luiza Erundina. Entrevistado por Guido Mantega e José Marcio Rego, à pergunta “E quais foram os seus professores mais marcantes?”, respondeu:

[...] Um professor marcante, sem dúvida, foi o Delfim Netto. O Delfim era muito moço. Quer dizer, ele é um pouco mais velho do que eu. Ele era formado seis ou sete anos antes e era assistente do Luiz de Freitas Bueno, de Estatística. E eu o tive como professor de Estatística Econômica. E mais tarde, em pós-graduação, também fiz um curso com ele sobre Teoria do Desenvolvimento, se recordo bem. Ele era realmente um grande professor e nesse sentido foi uma influência marcante para mim.²⁴

O segundo dos ex-alunos mencionados é João Sayad. Bacharelou-se em Economia pela FEA em 1967. Foi contratado em 1968 na função de Instrutor Voluntário, alterada para Auxiliar de Ensino em 1971. Tornou-se Livre-Docente do Departamento de Economia em 1978 e Professor Titular da FEA em 1984. Ocupou os cargos de Secretário de Estado dos Negócios da Fazem-

FEA não se mede unicamente pelo impacto das ações dos ex-alunos (embora sejam vários) que atingiram uma projeção tal qual a do Deputado Delfim Netto. Todavia, acredito que essas duas ressalvas não invalidam a idéia que o exemplo escolhido procura ilustrar.

²³ A entrevista foi conduzida por Vera Brandimarte e Claudia Safatle e publicada no Caderno Valor-Eu&. No texto que introduz a entrevista, as jornalistas evidenciam quão distintos podem ser os juízos de valor sobre a atuação do ex-Ministro: “A trajetória de Delfim é no mínimo curiosa. Foi o ministro da economia mais poderoso que o Brasil já teve e conseguiu um feito que ninguém repetiu: durante sete anos, conduziu o país com taxas de crescimento de 10,16%, na média, ao ano. Um período, de 1967 a 1973, em que o PIB quase dobrou, com crescimento acumulado de 96,5%. No entanto, governou, ou reinou, amparado no poder que lhe deu um ato de exceção, o Ato Institucional nº 5, num dos períodos mais sangrentos da história do país, nos anos da ditadura militar. Por isso mesmo tornou-se um símbolo dos ‘anos de chumbo’ e por muito tempo foi apontado pela esquerda como o homem que quebrou o país após ter construído uma dívida externa com obras faraônicas” (Entrevista de Valor, 2003, p. 12).

²⁴ Mantega e Rego, 1999, p. 56.

da de São Paulo (1983/85), no governo Montoro; Ministro Chefe da Secretaria de Planejamento da Presidência da República (1985/87), na gestão Sarney; e secretário de Finanças e Desenvolvimento Econômico da Prefeitura de São Paulo (2001/03), no governo de Marta Suplicy. Exerceu, também, a Vice-Presidência de Finanças do Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID (2004/05). Em sua entrevista a Guido Mantega e José Marcio Rego, Sayad fez várias referências a Delfim Netto e à “turma do Delfim”. Transcrevo a seguir algumas dessas referências:

[...] o Delfim é também um grande professor [...] responsável pela moldagem inicial do Departamento de Economia da FEA/USP. Formou escolas e outros economistas. [...]

Eu também não tive aulas com ele. Quando eu entrei na faculdade, ele já era Secretário da Fazenda. [...]

Eu entrei na faculdade em 64 e me formei em 68, fui formado por eles [a turma do Delfim-JFM]. Depois virei professor e fiz o IPE, e a pós-graduação também, com a turma do Delfim. Quando voltei com o doutorado do exterior [feito na Universidade de Yale, nos EUA-JFM], aí era o auge da revolução. Nós, professores daquela geração, fomos oposição aos participantes daqueles governos, sem dúvida.²⁵

Ninguém discordará que tanto Singer como Sayad integrariam, juntamente com Delfim Netto e muitos outros, administradores de empresas, contadores e economistas, quaisquer arrolamentos de ex-alunos da FEA que, de uma forma mais direta e pronunciada, “fizeram diferença” nas definições dos caminhos seguidos pela economia nacional. E os dois, Singer e Sayad, levantariam, decerto, inúmeros reparos às decisões tomadas e às políticas implementadas pelo “bruxo do milagre econômico”.

Radica aí, estou convicto, uma característica da FEA/USP de grande valia para o devido entendimento da relevância que ela alcançou em suas seis décadas de existência. E a explicitação de tal característica consiste em oportuno fecho para este artigo. Trata-se da pluralidade de visões de mundo encontrada no corpo docente da escola, pluralidade, portanto, que se faz presente, com maior ou menor intensidade, nos programas das diversas disciplinas ministradas por esses professores. Trata-se, enfim, de um traço marcante e decididamente enriquecedor da formação que a escola proporciona a seus alunos.

5 Referências

AGUIAR, Pinto de. *A abertura dos portos: Cairu e os ingleses*. Salvador, BA: Progresso Editora; Câmara Municipal de Salvador, 1960 (Coleção de Estudos Brasileiros; Série Marajoara, nº 30).

ALVES, Denisard Cnéio de Oliveira. A Reforma Estatutária da Universidade de São Paulo. In: CANABRAVA, Alice Piffer (coord.). *História da Faculdade de Economia e Administração da*

²⁵ Mantega e Rego, 1999, p. 223.

Universidade de São Paulo, 1946-1981. v. 1: A Instituição. São Paulo: FEA/USP, 1984, p. 113-123.

BONINI, Edmundo Éboli; MARTINS, Eliseu. O Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais. In: CANABRAVA, Alice Piffer (coord.), op. cit., v.1, 1984, p. 61-65.

CANABRAVA, Alice Piffer. As condições sociais, econômicas e políticas da fundação. In: CANABRAVA, Alice Piffer (coord.), op. cit., v.1, 1984, p. 7-33.

CANABRAVA, Alice Piffer (coord.). *História da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, 1946-1981. v. 2: Personalía.* São Paulo: FEA/USP; 1984b.

CANABRAVA, Alice Piffer. *História econômica: estudos e pesquisas.* São Paulo: Hucitec; Unesp; ABPHE, 2005.

DELFIN NETTO, Antonio. Luiz de Freitas Bueno. *Folha de S. Paulo.* Folha Opinião, quarta-feira, 22/03/2006.

ENTREVISTA DE VALOR – Antonio Delfim Netto. *Valor Econômico.* Caderno Valor-Eu&, sexta-feira, 30 de setembro e fim de semana, 1 e 2 de outubro de 2005, p. 10-22.

FLEURY, Maria Tereza Leme. *Relatório de Gestão, 2002-2006.* São Paulo: FEA/USP, 2006.

MACEDO, Roberto. Luiz de Freitas Bueno (1919-2006). *O Estado de S. Paulo.* Caderno A2 Espaço Aberto, quinta-feira, 16 de março de 2006.

MANTEGA, Guido; REGO, José Marcio. *Conversas com economistas brasileiros II.* São Paulo: Editora 34, 1999.

SAES, Flávio Azevedo Marques de. O Estado, a sociedade e a Universidade. In: CANABRAVA, Alice Piffer (coord.), op. cit., v. 1, 1984, p. 87-111.

TOLEDO, Geraldo Luciano; TREVISAN, Glória Della Mônica. O Departamento de Administração. In: CANABRAVA, Alice Piffer (coord.), op. cit., v. 1, 1984, p. 67-77.